

A percepção do Papa Francisco na (re)construção do *ethos* infantil

Pope Francis' perception in the (re)construction of the children's ethos

Juliana Simões BOLFE¹
Geraldo PIERONI²
Juliana de SOUZA³

Resumo

Este estudo concentra-se na leitura feita pelo Papa Francisco, no livro *Querido Papa Francisco - o Papa responde às cartas de crianças do mundo todo*, em questões elaboradas por crianças de diferentes países. O intuito do texto é tentar perceber como Sua Santidade (re)construiu, a partir da vocalidade, o *ethos* discursivo infantil. Para isso, serão adotados os pressupostos teóricos de Maingueneau e Amossy sobre o *ethos* discursivo e as contribuições de Sarmiento e Nascimento; Brancher e Oliveira sobre a infância. A investigação recai sobre três perguntas, feitas por Prajla, Natasha e Mohammed. Imagens enviadas com as cartas também são consideradas na análise. Após o exame concluiu-se que, como o *ethos* se relaciona com o conjunto de regulamentações coletivas estereotípicas ligadas ao universo do enunciador, embora, no geral, as crianças sejam símbolo de alegria e fé, há uma ruptura dessa visão através do *ethos* de Mohammed, cuja infância é marcada por sofrimento, guerra e falta de esperança.

Palavras-chave: Ethos discursivo. Ethos infantil. Vocalidade. Papa Francisco. (Re)construção.

Abstract

This study focuses on the reading by Pope Francis, in the book *Dear Pope Francis - the Pope replies to letters on questions developed by children all over the world*. The aim of the text is to try to understand how His Holiness (re)constructed, from vocality, the children's discursive ethos. To fulfill this proposal, the theoretical assumptions of Maingueneau and Amossy regarding the discursive ethos and the contributions of Sarmiento and Nascimento; Brancher and Oliveira about childhood will be employed. The investigation reflects on three questions, asked by Prajla, Natasha and Mohammed.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (PPGCom/UTP). Professora da FAE Centro Universitário. E-mail: juliana.bolfe@gmail.com

² Doutor em História pela Université Paris-Sorbonne (Paris IV). Professor pesquisador do PPGCom da Universidade Tuiuti do Paraná. E-mail: geraldo.pieroni@utp.br

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. E-mail: juli_fdr@hotmail.com

Drawings submitted with the letters are also considered in the analysis. After the examination, it is concluded that, since ethos is related to the set of collective stereotypical regulations linked to the environment of the speaker, although, in general, children represent happiness and faith, there is a rupture of this vision through Mohammed's ethos, whose childhood is measured by suffering, war and lack of hope.

Keywords: Discursive ethos. Children's ethos. Vocality. Pope Francis. (Re)construction.

Introdução

Este artigo concentra-se na análise da leitura feita Pelo Papa Francisco, no livro “Querido Papa Francisco - o Papa responde às cartas de crianças do mundo todo”, em perguntas elaboradas por 30 crianças, de diferentes países, com idade entre 06 e 13 anos. O objetivo do estudo é tentar perceber como Sua Santidade (re)construiu, a partir da “vocalidade”, o *ethos* discursivo infantil.

É feito um recorte de 03 crianças, sendo elas: Prajla (06 anos, Albânia), Natasha (08 anos, Quênia), e Mohammed (10 anos, Síria) a partir das perguntas e dos desenhos enviados à Sua Santidade. Na seleção, o critério para escolha foi analisar as cartas provenientes de crianças com idades, sexo e países distintos, no intuito de apresentar o livro de forma mais abrangente.

Para a investigação, tomaremos como fundamento os pressupostos do *Ethos* Discursivo, através das contribuições teóricas de Dominique Mainguenu (2008) e Amossy (2005), além dos argumentos sobre a concepção de infância, trazidos pelos estudos de Sarmiento (2003) e Nascimento, Brancher e Oliveira (2011).

Considerações sobre a construção do *ethos* discursivo

Trazer à tona a discussão do conceito de *ethos* não é tarefa fácil. Para entendê-lo é preciso atribuir uma interpretação ao conjunto de empregos que a palavra vem assumindo desde seu surgimento até os dias atuais. A começar pelo filósofo Aristóteles, que sabiamente empregou o conceito de *ethos* como um dos principais elementos da retórica, que consistia no orador causar boa impressão de si, capaz de convencer o auditório. Na década de 1980, o linguista Oswald Ducrot, para conceituar *ethos*, faz

uma distinção entre diferentes locutores e afirma que o *ethos* não é dito no enunciado, mas se mostra na enunciação.

Ainda na década de 1980, o linguista Dominique Maingueneau atribui a noção de *ethos* a todo tipo de discurso e caracteriza o termo como:

- o *ethos* é uma noção discursiva, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior à sua fala;
- o *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro;
- é uma noção fundamentalmente híbrida (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica. (MAINGUENEAU, 2015, p.17, grifo do autor).

Ou seja, essa noção não se prende à eloquência como fez à retórica, mas faz-nos atentar sobre um processo de aquiescência do sujeito a certo tipo de discurso, por meio de uma maneira de *dizer*, que é também uma maneira de *ser*. Para o autor, é por meio da enunciação que se revela a personalidade do enunciador, visto que há um processo de construção da imagem de si. Maingueneau (2015, p.18), assevera que a partir da enunciação o sujeito constitui uma “imagem de ‘fiador’, que é construída pelo destinatário a partir de índices deliberados na enunciação” (grifo do autor). Tal ideia também é abordada por Amossy (2005, p. 09), que acredita que por “seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa”.

Pode-se dizer que a incorporação é a maneira como o destinatário da mensagem, ao interpretá-la, se apodera do *ethos* do enunciador. Tal incorporação se dá no momento da enunciação, por meio das representações coletivas estereotípicas, ao qual o receptor da mensagem se identifica ao assimilar esse discurso. Para Maingueneau (2005), a incorporação é o termo utilizado para designar a ação do *ethos* sobre o destinatário.

Esta incorporação do *ethos* do enunciador pelo enunciatário é construída e constituída por elementos que vão além de textos verbais, resultando na interação de diversos fatores. Tais fatores são nomeados por Maingueneau como: *ethos* pré-discursivo e *ethos* discursivo, este composto pelo *ethos mostrado* e pelo *ethos dito*, de modo que a interação dessas instâncias resulta no *ethos* efetivo, conforme demonstrado abaixo:

Figura 01: construção do *ethos* discursivo para Maingueneau



Fonte: <http://www.martinsfontespaulista.com.br/anexos/produtos/capitulos/509327.pdf>

O *ethos* pré-discursivo é a imagem que o destinatário cria do enunciador antes mesmo que este se pronuncie, e é por meio do *ethos* discursivo que esta imagem criada se confirmará ou não. Por sua vez, o *ethos* discursivo é integrado pelos *ethos dito e mostrado*, sendo que o primeiro é tido como “direto”, quando o enunciador traz “vocalidade” e evoca sua própria enunciação, ou seja, é criado através das menções diretas do enunciador. Já o *ethos mostrado* é construído por pistas que o enunciador oferece no momento do discurso, ou seja, são elementos não explícitos.

Para Maingueneau (2015, p.18) “a distinção entre *ethos dito e mostrado* se inscreve nos extremos de uma linha contínua, uma vez que é impossível definir uma fronteira nítida entre o “*dito*” sugerido e o puramente “*mostrado*” pela enunciação”. De acordo com as ideias do autor, fica difícil separar o que está explicitado e o que não está explicitado no discurso do enunciador.

No alicerce da representação encontram-se os estereótipos ligados ao mundo ético em que é feito o enunciado, o espaço social ao qual pertence o enunciador. Assim, o destinatário o identifica por meio de um agrupamento de elementos sociais que podem ser avaliados positiva ou negativamente. Para Maingueneau e Charadeau (2008), *apud* Fiorindo (2012), os estereótipos designam imagens prontas, que medeiam à relação do indivíduo com a realidade; ao mesmo tempo em que eles se relacionam com a cena validada que já está instalada na memória coletiva.

A construção dos *ethe* infantis

A discussão sobre o conceito de criança, bem como o papel da criança na sociedade, nem sempre foi foco de discussão entre estudiosos, pois, até o século XVII, a ciência desconhecia a infância. Foi somente a partir do século XIX que o tema começa a ganhar espaço. O sociólogo e antropólogo Émile Durkheim foi um dos primeiros pesquisadores a tentar conceituar criança como sujeito social.

Para Durkheim (1978) *apud* Nascimento, Brancher e Oliveira, (2011):

A criança além de questionadora, passa de uma impressão para outra, de um sentimento para outro, de uma ocupação para outra, com a mais extraordinária rapidez. Seu humor não tem nada de fixo: a cólera nasce e aquieta-se com a mesma instantaneidade; as lágrimas sucedem-se ao riso, a simpatia ao ódio, ou inversamente, sem razão objetiva ou sob a influência da circunstância mais tênue. Nesta reflexão podemos observar um ser questionador e instável, que precisa ser moralizado para que então se adeque às regras sociais.

Com a institucionalização da escola é que o conceito de infância passa a ser discutido num ponto de vista pedagógico, e a criança passa a ser vista como um ser social, dependente dos adultos e assegurada de direitos.

Em novembro de 1959, foi elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU) um documento intitulado *Declaração Universal dos Direitos das Crianças*, este composto por dez princípios que, neste estudo, cabe priorizar os princípios 04 e 10 que abordam, respectivamente:

Princípio 4º

A criança gozará os benefícios da previdência social. Terá direito a crescer e criar-se com saúde; para isto, tanto à criança como à mãe, serão proporcionados cuidados e proteção especiais, inclusive adequados cuidados pré e pós-natais. A criança terá direito a alimentação, recreação e assistência médica adequadas.

Princípio 10º

A criança gozará proteção contra atos que possam suscitar discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra natureza. Criar-se-á num ambiente de compreensão, de tolerância, de amizade entre os povos, de paz e de fraternidade universal e em plena consciência que seu esforço e aptidão devem ser postos a serviço de seus semelhantes. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1959).

Tais princípios explicitam que a criança deve ter direito a uma vida digna, saudável nos aspectos biológicos e culturais, ou seja, a criança tem o direito de ser cuidada e criada num ambiente justo, em que possa usufruir da fase da imaginação até a transposição ao real. Para Sarmiento, “O imaginário social é inerente ao processo de formação e desenvolvimento da personalidade e racionalidade de cada criança concreta, mas isso acontece no contexto social e cultural que fornece as condições e as possibilidades desse processo” (SARMENTO, 2003, p. 3).

Embora as condições sociais e culturais sejam heterogêneas, cabe salientar que elas incidem perante uma condição infantil comum: a de uma geração desprovida de condições autônomas de sobrevivência e de crescimento, que está sob o controle da geração adulta. A condição comum da infância tem a sua dimensão simbólica nas culturas da infância.

Contudo, o que se percebe é que, embora algumas crianças tenham sua infância garantida, (estudam, brincam, dançam), infelizmente, muitas outras crianças se transformam em adultos precoces, tendo que se submeter ao trabalho e exploração infantil, e/ou são criadas em um cenário de guerra, em que o brinquedo é uma arma para sua sobrevivência.

Para o diretor do Programa de Estudos da Criança na Universidade de Harvard, Adatto (1998), *apud* Nascimento, Brancher e Oliveira, (2011, p. 11), “As fronteiras entre a infância e a fase adulta estão cada vez mais tênues”, estamos obcecados por crianças, mas isto não significa que estejamos preservando a noção de infância. Estamos obcecados porque as barreiras entre a infância e a idade adulta estão sendo rompidas, e não sabemos ao certo aonde isto leva.

Neste breve recorte sobre o conceito de criança, percebe-se que a construção de *ethe* infantis não se dá somente pela idade, pelos gostos, pelas brincadeiras, pelas risadas, pelo brinquedo, pela alegria, pelos jogos, pela ingenuidade, mas estes também são construídos pelas condições sociais e culturais de cada criança.

No próximo tópico deste trabalho será apresentada a construção do *ethos* discursivo das três crianças selecionadas, de acordo com a visão do Papa Francisco.

O livro e sua construção

O livro “Querido Papa Francisco - o Papa responde às cartas de crianças do mundo todo” foi escrito por Sua Santidade, o Papa Francisco, no ano de 2016 e traduzido por Milene Albergaria. A obra foi publicada pelas Edições Loyola Jesuítas, São Paulo e ilustrado pelas próprias crianças.

A ideia para a publicação do livro partiu do Padre Antônio Sparadoro, Diretor da La Civiltá Cattolica, que numa reunião previamente agendada com o Papa Francisco propôs que, como Sua Santidade recebe muitas cartas de crianças, que este respondesse a algumas das cartas, sendo que as respostas seriam gravadas e, posteriormente, transcritas para compor o livro. Assim, muito mais crianças teriam acesso às respostas. Das 259 cartas recebidas, foram selecionadas 30, de 26 países, de 5 continentes e escritas em 14 idiomas.

Conforme mencionado por Sparadoro, o Papa disse ter vontade de responder a todas, mas que, infelizmente, não seria possível. Então, as 30 cartas selecionadas foram-lhe entregues e ele as folheia, e observa não somente as perguntas, mas também os desenhos que as compõem. Em seguida, diz: “Mas estas perguntas são muito difíceis e diz que adoraria ver, pessoalmente, o rosto das crianças que lhe fazem perguntas” (PAPA FRANCISCO, 2016, p. 68).

Segundo Sparadoro, o Papa, ao responder as perguntas, não direciona o olhar a ele, mas fixa o olhar na foto, no nome e no desenho da criança e, muitas vezes, pode-se perceber que Sua Santidade, após dar a resposta, analisa e interpreta os desenhos que fazem parte e até complementam a pergunta.

Para esta análise foram selecionadas três perguntas, cujas respostas dadas por Sua Santidade elucidam como o *ethos* discursivo infantil é (re)construído pela vocalidade e por elementos estereotípicos que o compõe. Porém, antes de iniciar a análise das perguntas e das respostas, consideramos importante tecer um breve comentário em relação ao *ethos* discursivo do Papa Francisco diante dos católicos e das crianças que fizeram parte do livro. Afinal, o Papa é o nome mais importante da Igreja Católica na Terra, e é tido como uma espécie de mediador de conflitos, ou seja, alguém que representa a esperança de um mundo melhor, sem guerras, sem desigualdades.

Algumas das características marcantes do Papa Francisco são sua serenidade, e sua simplicidade no jeito de ser e de falar, atributos que lhe permitem transmitir os princípios tradicionais religiosos contextualizando-os de forma que o discurso seja compreendido por diferentes faixas etárias, de modo a alcançar, desta maneira, um grande número de pessoas em todo o mundo.

Para elucidar essas informações a respeito do *ethos* discursivo do Papa Francisco, cabe mencionar que, no livro analisado, das 30 perguntas apresentadas, em 29 delas as crianças iniciam a pergunta com a expressão “Querido”. Somente uma criança emprega a expressão “Santidade”. Isso demonstra, no imaginário infantil, certa proximidade e confiança, por parte das crianças, ao se comunicarem com o líder religioso por meio de cartas e desenhos. O *ethos* do Papa Francisco, para a maioria das crianças, representa alguém capaz de solucionar os problemas mais complexos da humanidade.

(Re)construção do *ethos* discursivo infantil pelo Papa Francisco

Conforme elucidado anteriormente, o *ethos* está definitivamente atrelado ao ato de enunciação, contudo, é importante salientar que o enunciatário pode construir um *ethos* antes mesmo que o enunciador se pronuncie: é o que Maingueneau nomeia como *ethos* pré-discursivo. Isso pode ser comprovado pela resposta dada pelo Papa à pergunta feita por Natasha, de 08 anos, residente no Quênia: “Querido Papa Francisco, Gostaria de saber mais sobre Jesus Cristo. Como ele andou sobre as águas? Com amor, Natasha” (FRANCISCO, 2016, p. 08):

Figura 02: carta de Natasha



Fonte: Livro *Querido Papa Francisco – o Papa responde às cartas de crianças do mundo todo*.

A resposta dada pelo Papa Francisco foi:

Querida Natasha,

Você deve imaginar Jesus andando naturalmente, normalmente. Ele não voou sobre as águas e nem deu cambalhotas enquanto nadava. Ele andou como você anda, um pé após o outro, como se a água fosse terra. Ele andou sobre as águas e viu os peixes nadando felizes e velozes embaixo de seus pés. Jesus é Deus e, portanto, pode tudo! Pode até andar tranquilamente sobre as águas. Deus não afunda, sabia?

Francisco. (FRANCISCO, 2016, p. 09)

O *ethos* infantil construído pelo Papa relaciona-se pelo modo simples de ser das crianças e pela pureza de seus corações, representando uma visão ingênua de uma das parábolas mais conhecidas dos cristãos católicos. Na imagem acima, no desenho feito por Natasha, é possível observar um dia ensolarado, os peixes coloridos e a figura de Jesus representada por uma pessoa usando uma grande coroa brilhante. Esses traços discursivos confirmam a ideia de *ethos* infantil definido pelo Papa Francisco em sua resposta. Como reforça Maingueneau (2015, p.18):

Todo texto escrito, mesmo que o negue tem uma “vocalidade” que pode se manifestar numa multiplicidade de “tons”, estando eles, por sua vez, associados a uma categorização do corpo do enunciador, a um “fiador” construído pelo destinatário a partir de índices liberados na enunciação (grifo do autor).

Esse *ethos* relaciona-se não somente ao texto, mas, também, ao conjunto de regulamentações coletivas estereotípicas ligadas ao fiador. As crianças, por exemplo, representam, socialmente, o imaginário, o lúdico, a alegria. Estes elementos pré-discursivos podem também ser observados e constatados na imagem abaixo, pela fisionomia da criança, pelo desenho e, como elemento discursivo, na pergunta que a garota Prajla faz ao Papa: “Querido Papa Francisco, quando o senhor era criança, gostava de dançar?” (FRANCISCO, 2016, p. 20):

Figura 03: carta de Prajla



Fonte: Livro *Querido Papa Francisco – o Papa responde às cartas de crianças do mundo todo*.

Francisco responde à menina queniana da seguinte maneira:

Gostava muito, querida Prajla! Gostava demais! Gostava de estar com outras crianças, brincar de ciranda, mas gostava também de dançar nossas tradicionais danças argentinas. Divertia-me muito! Depois, quando jovem, gostava de dançar tango. Gostava muito de tango. Sabe, dançar é expressar alegria e felicidade. Quando você está triste, não consegue dançar. Geralmente, os jovens têm uma grande vantagem: são felizes. E, por essa razão, quando somos jovens,

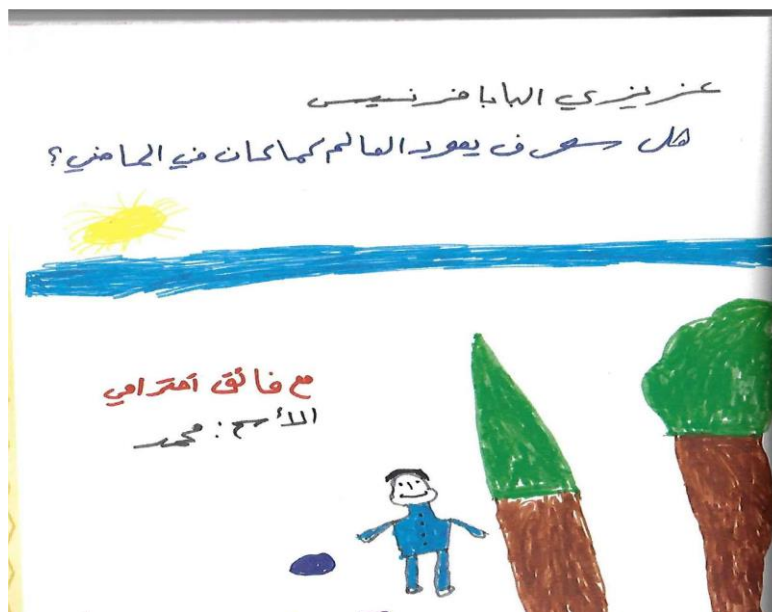
dançamos e expressamos a alegria do nosso coração. Até mesmo o grande rei Davi dançava. Ele converteu Jerusalém na Cidade Santa e transportou até lá, em procissão solene, a Arca da Aliança. E então começou a dançar na frente da Arca. Ele não se preocupou com formalidades, esqueceu-se de se comportar como um rei e começou a dançar como uma criança! Mas quando sua esposa, Mical o viu dançando e pulando, ela o criticou e o desprezou em seu coração. Ela tinha a doença da seriedade, a qual chamo de “Síndrome de Mical”. As pessoas que não conseguem expressar alegria estão sempre sérias. Dançam agora que são crianças, assim não serão tão sérios quando forem adultos! Francisco. (FRANCISCO, 2016, p. 21)

Na resposta dada por Sua Santidade, este deixa claro que a alegria e a espontaneidade caracterizam o *ethos* infantil e, ao explicar à Prajla como gostava de dançar, aconselha-a a dançar sempre, pois depois de adultos podemos ser contagiados pela “Síndrome de Mical”.

Como mencionado anteriormente, todo texto tem sua “vocalidade”, e esta é marcada por uma série de categorizações, que podem ser estereotípicas. No caso da pergunta de Prajla, tais estereótipos convergem com a imagem e construção do *ethos* discursivo infantil (alegria, inocência).

Por sua vez, na página 32 do livro, tem-se a pergunta de Mohammed, residente na Síria, que demonstra uma espécie de ruptura desses estereótipos coletivos infantis, pois o *ethos* mostrado através de seu questionamento caracteriza uma infância marcada pelo sofrimento, pela guerra e, pior, pela falta de esperança: “Querido Papa Francisco, o mundo voltará a ser bonito como era antes? Respeitosamente, Mohammed” (FRANCISCO, 2016, p. 32):

Figura 04: carta de Mohammed



Fonte: Livro *Querido Papa Francisco – o Papa responde às cartas de crianças do mundo todo*.

O Papa traz a seguinte explicação para o garoto:

Querido Mohammed,

Creemos que Jesus veio para nos salvar e que venceu o diabo. Mas ele também nos prometeu que voltaria. Estamos esperando por ele. E, quando ele voltar, diz a Bíblia, tudo será novo: um novo céu, uma nova terra. Não, o mundo não será como foi no passado. Será muito melhor. No mundo, agora, há muito sofrimento e, infelizmente você sabe bem disso. Há pessoas que fabricam armas para que outras lutem e façam guerra. Há pessoas que têm ódio no coração. Há pessoas que estão interessadas somente no dinheiro, vendem tudo, inclusive outras pessoas. Isso é terrível. Isso é sofrimento. Porém, esse sofrimento está destinado a acabar, sabia? Não é para sempre. O sofrimento deve ser vivido com esperança. Não somos prisioneiros dele. E você expressou isso em seu desenho: com o sol, as flores, as árvores e seu sorriso, enquanto voa jogando bola. Se nos perdoarmos, iremos para nossa futura casa, que será muito bonita, porque terá sido completamente transfigurada e transformada pela presença de Deus. Francisco. (FRANCISCO, 2016, p. 33).

A pergunta feita por Mohammed, juntamente com a resposta do Papa, traz uma “vocalidade” que elucida esta descaracterização do universo infantil. Inclusive, na resposta do Papa Francisco, podemos encontrar várias palavras de um mesmo campo semântico que caracterizam elementos contrários ao *ethos* infantil, como: sofrimento, armas, guerra e ódio.

Porém, mesmo o menino sírio deixando claro em seu discurso o descontentamento de sua vida, seu desenho traz uma vocalidade característica do *ethos* discursivo infantil, em que uma criança está com uma bola, brinquedo que representa o estereótipo infantil masculino. No desenho, também vale destacar os elementos que remetem à paz e alegria, como o sol, as árvores e a imagem de um garoto voando sobre esse mundo melhor, imaginado por Mohammed. E o Papa vale-se do desenho para transmitir a mensagem de paz e de esperança.

Assim, cumpre citar novamente Maingueneau (2015, p.12):

A ideia de que ao falar, um locutor ativa em seus destinatários uma certa representação de si mesmo, procurando controlá-la, é particularmente simples, é até trivial. Portanto, com frequência somos tentados a recorrer a essa noção de *ethos*, dado que ela constitui uma dimensão de todo ato de enunciação.

Considerações finais

A partir da análise realizada pode-se perceber que todo discurso implica um *ethos* e, por isso, ele não deve ser desvinculado de outros parâmetros do discurso, dentre eles, sua “vocalidade”, pois, contribui de maneira decisiva para sua legitimação. Assim, para a (re)construção do *ethos* infantil, feita pelo Papa Francisco, foi preciso levar em consideração os elementos pré-discursivos e discursivos.

Como reforça Chalub (2015, p. 04):

O *ethos* é, portanto, a instância do discurso revelada por uma composição que deixa à mostra uma maneira subjetivada de lidar com a realidade; esta maneira é aquela que instaura uma resistência ao comum, ao habitual, já que seu aspecto não universal lhe concede um estatuto particular.

Essa “vocalidade” presente nos discursos das 03 crianças é como uma tomada de posição em que é sustentada por valores éticos, e que leva em conta a realidade social a qual pertencem. Portanto, percebe-se que a condição comum de construção dos *ethe* infantis tem a sua dimensão simbólica atrelada à cultura na qual a criança está inserida. Isto foi confirmado na análise, em especial, da criança síria, que por estar inserida em

um ambiente de violência, traz marcas em seu discurso de uma desconstrução do *ethos* infantil comumente percebido.

Referências

AMOSSY, Ruth. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

CHALUB, Juliana Vieira. **Reflexões sobre o ethos do discurso**. Três Corações, MG, Revista (Com) Texto, 2015. Disponível em: <[periodicos.ufes.br](http://periodicos.ufes.br/Capa) > Capa > v. 9, n. 14 (2015) > Chalub/>. Acesso em: 10 jan. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração universal dos direitos das crianças – UNICEF – 20 de novembro de 1959** – disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c_a/lex41.htm> . Acesso em: 10 jan. 2019.

FIORINDO, Priscila Peixinho. **Ethos: um percurso da retórica à análise do discurso**. Revista Pandora, nº 47, Outubro de 2012. Disponível em: <http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/ethos/priscila.pdf> . Acesso em: 10 jan. 2019.

FRANCISCO, Papa. **Querido Papa Francisco: o Papa responde às cartas de crianças do mundo todo**. Tradução Milene Albergaria. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana. Raquel; SALGADO, Luciana. (Orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Unicamp & Pontes, 2002.

NASCIMENTO, Cláudia Terra do; BRANCHER, Vantoir Roberto; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. **A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas**. 2011. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/gepeis/wp-content/uploads/2011/08/infancias.pdf>> . Acesso em: 20 jan. 2019.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da Infância nas encruzilhadas da 2ª Modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Orgs.). **Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas na infância e educação**. Porto, Portugal: Edições Asa, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e cultura da infância** (Instituto de estudos da Criança. Universidade do Minho. 2002 Disponível em: <http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf> . Acesso em: 20 jan. 2019.